



Adoubement e Cavalaria no Ocidente feudal: o Eracle (c. 1159-1184) de Gautier d'Arras

Adoubement y Caballería en el Occidente Feudal: el Eracle (c. 1159-1184) de Gautier d'Arras

Adoubement and Chivalry in the Feudal West: Gautier d'Arras's Eracle (c. 1159-1184)

Guilherme Queiroz de SOUZA¹

Resumo: O propósito deste artigo é analisar o *adoubement* e a Cavalaria no Ocidente feudal, com ênfase no romance *Eracle*, escrito pelo clérigo francês Gautier d'Arras entre 1159 e 1184. Nessa obra, o herói protagonista é submetido ao *adoubement* (ritual de passagem) para integrar a Cavalaria, categoria considerada por alguns historiadores como a instituição dominante durante o Feudalismo. Estudamos a evolução e as etapas do ritual, assim como as principais virtudes cavaleirescas (coragem, lealdade e prudência), os conceitos de *largueza* e *prodomie* e a arte da guerra. Para isso, empregamos comparativamente textos dos séculos XI-XII.

Abstract: The purpose of this article is to analyze the *adoubement* and the Chivalry in the Feudal West, through the emphasis on the romance *Eracle*, written by the French cleric Gautier d'Arras between 1159 and 1184. In this work, the protagonist hero is submitted to the *adoubement* (rite of passage) to join the Chivalry, category considered by some historians as the dominant institution during the Feudalism. We study the evolution and stages of the rite, as well as the main chivalric virtues (courage, loyalty and prudence), the concepts of *largesse* and *prodomie* and the art of war. For this, we utilize comparatively works of the 11-12th centuries.

Palavras-chave: *Adoubement* – Cavalaria – Ocidente feudal – Gautier d'Arras – *Eracle*.

Keywords: *Adoubement* – Chivalry – Feudal West – Gautier d'Arras – *Eracle*.

ENVIADO: 21.05.2015
ACEPTADO: 27.07.2015

¹ Professor de *História Antiga e Medieval* da Universidade Estadual de Goiás (UEG/Goianésia). Site: <http://www.goianesia.ueg.br>. E-mail: guilhermehistoria@yahoo.com.br.

I. A Cavalaria no Ocidente medieval: origem e poder

Difícilmente encontraremos um historiador contemporâneo que pense a Cavalaria como um produto inevitável da criação do estribo² ou que ela tenha surgido de forma “natural” no transcurso do século VIII como uma resposta às razias muçulmanas na Hispânia. Sem abraçar tais interpretações deterministas, Franco Cardini afirma que a Cavalaria se originou a partir do crescente prestígio do combatente a cavalo, do encarecimento dos equipamentos militares, da hierarquização dos laços vassálicos e do distanciamento socioeconômico e sociojurídico entre homens armados e desarmados.³

Além destes aspectos militares, a procedência da Cavalaria deve ser buscada num contexto histórico particular. Para Jean Flori, que matizou a clássica tese “mutacionista”, a Cavalaria remonta aos laços de vassalagem, ao declínio do poder real (sensível desde o fim do Império Carolíngio), à emancipação do *castellanus* (castelão) e de seus *milites* (os “cavaleiros”) e à tentativa da Igreja de incutir nos cavaleiros uma *ética*. Como a maioria desses elementos não surgiu antes do ano 1000, não é “sábio falar de Cavalaria antes dessa data”.⁴

Com uma superioridade bélica desde o fim da Alta Idade Média e temido pelas pilhagens que praticava, o *miles* (cavaleiro)⁵ obteve cada vez mais prestígio na sociedade e atraiu os *nobiles* (nobres) a partir do século XI. De forma gradativa, a nobreza controlou a Cavalaria e fez uso exclusivo dela. Um século depois, sobretudo na França, as duas categorias acabaram por se “fundir ou por se confundir”.⁶ Crescendo em importância nos séculos XI-XII, a Cavalaria era considerada, nas palavras de Chrétien de Troyes (c. 1135-1191), “a mais alta ordem que Deus criou no

² Graças ao estribo, objeto asiático introduzido no Ocidente no século VII, o guerreiro pesadamente armado se mantinha firme em seu cavalo e, com isso, manejava mais livremente suas armas. No entanto, acreditar numa “revolução do estribo” é um exagero.

³ CARDINI, Franco. “O guerreiro e o cavaleiro”. In: LE GOFF, Jacques (dir.). *O homem medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 58.

⁴ FLORI, Jean. *A Cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005, p. 12.

⁵ Ao longo dos séculos IX-XIII, observa-se uma metamorfose do sentido do termo *miles* (e de seu correspondente em língua vulgar, *caballarius*), que se refere não mais a todos os tipos de guerreiros, mas apenas àquele que montava um cavalo. Ver DUBY, Georges. “As origens da cavalaria”. In: *A sociedade cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 23-36.

⁶ FLORI, Jean. “Cavalaria”. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (coords.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: EDUSC, 2006, vol. 1, p. 190.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

mundo”.⁷ Poderosa, ela chegou a ser apontada por Dominique Barthélemy como a verdadeira instituição dominante na época feudal, em detrimento da Igreja.⁸

II. Gautier d’Arras e o romance *Eracle*

Neste artigo, analisamos o *adoubement* (ritual de passagem) e a Cavalaria no Ocidente feudal, com ênfase no romance *Eracle* (6570 versos), escrito pelo clérigo francês Gautier d’Arras entre 1159 e 1184. Autor de dois romances octossilábicos (*Eracle* e *Ille et Galeron*), Gautier apresentava relações com as casas de Blois, Champagne e Hainaut, pois menciona os nomes de Teobaldo V de Blois, Maria de França e Balduíno de Hainaut (provavelmente Balduíno V), seu senhor. Em *Eracle*, o clérigo arrasiano narra uma versão da biografia do imperador bizantino Heráclio (c. 575-641).⁹

A história, que se desenrola inicialmente em Roma, relata a trajetória de Eracle, filho de Miriados e Cassine, o qual recebe “três dons” divinos: o conhecimento das pedras, cavalos e mulheres. Em seguida, ele é vendido como escravo para salvar a alma do seu pai. Comprado pelo senescal do imperador Laïs, o jovem demonstra o poder de sua pedra nas provas ordálicas (água, fogo e espada), vence uma corrida de cavalos e escolhe Athanaïs como a imperatriz ideal. Durante uma ausência de Laïs e Eracle, em combate a rebeldes, Athanaïs se relaciona de forma adúltera com Paridés, mas, no fim, é perdoada. Na última parte da obra, Eracle é entronizado em Constantinopla e combate o rei persa Cósroes (e seu filho) para recuperar a relíquia da Santa Cruz e a cidade de Jerusalém.¹⁰

No romance *Eracle*, o herói protagonista é submetido ao *adoubement* para integrar a Cavalaria. Estudaremos a evolução e as etapas do ritual, assim como as principais virtudes cavaleirescas (coragem, lealdade e prudência), os conceitos de *largueza* e *prodomie* e a arte da guerra. De fato, a construção do perfil cavaleiresco de Eracle foi uma das principais formas que Gautier d’Arras encontrou para conferir prestígio ao seu herói.

⁷ CHRÉTIEN DE TROYES. *Le Roman de Perceval ou Le Conte du Graal*. Genève/Paris: Droz/Minard, 1959, vv. 1635-1636.

⁸ BARTHÉLEMY, Dominique. *A Cavalaria: da Germânia à França do século XII*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

⁹ Sobre o “Heráclio histórico”, ver KAEGI, Walter Emil. *Heraclius, emperor of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

¹⁰ Sobre Gautier d’Arras e o romance *Eracle*, ver FOURRIER, Anthime. *Courant réaliste dans le roman courtois en France au Moyen-Âge*. Paris: Nizet, 1960, p. 179-275; PIERREVILLE, Corinne. *Gautier d’Arras. L’autre chrétien*. Paris: Honoré Champion Éditeur, 2001.

III. O cerimonial do *adoubement*

Para ingressar na Cavalaria, Eracle deveria estar apto, o que foi demonstrado na superação das provas ordálicas a que o submeteram. Reconhecido por Laïs, o jovem necessitava participar de um ritual de passagem: o *adoubement*. A cerimônia é mencionada no início do romance, quando Gautier resume a vida de seu herói, da escravidão ao trono imperial. O autor pretendia indicar (vv. 103-107):

A con grant tort il gu gabés
 Et con il fu puis adoubés;
 Com il vint puis a tele honour
 C'om fist de lui empereour
 Et tint Coustantinoble quite;

Como ele [Eracle] foi injustamente ridicularizado
 e como foi armado cavaleiro.
 Como então alcançou uma posição de honra
 tal que foi eleito imperador
 e se tornou o governante de Constantinopla.¹¹

Só futuramente, o cerimonial é descrito em pormenores, em seguimento ao prestígio social alcançado por Eracle com os postos de *sire* e *commandere* (v. 1916). O ritual aparece no momento em que o herói aconselha o imperador Laïs e escolhe para ele uma “esposa perfeita”. Depois disso, “todos vieram buscar seu conselho”, o que maximizou a importância de Eracle. Nesse momento, então, ocorreu o *adoubement* (vv. 2891-2896):

Armes demande, et on li quiert
 Molt hautement quanqu'i affiert.
 Li sire l'aime estrainement,
 Por çou l'adoube hautement,
 Et trente por le siue amor;
 Et puis revit on bien le jor

Ele demandou armas para si
 e equipamentos de alta qualidade foram adquiridos para ele.
 O *sire* o amava de forma excepcional.
 Portanto, ele foi magnificamente armado cavaleiro.
 E outros trinta foram [armados] em sua honra.
 Este dia foi visto com bons olhos.

¹¹ Todas as traduções para o português são de nossa autoria.

Em sua análise sobre o tema da Cavalaria em *Ille et Galeron*, Glyn S. Burgess não conferiu muita relevância ao *adoubement* do herói.¹² Ora, as fontes daquela época davam “enorme importância a essa jornada em que a infância termina e o homem feito é admitido na sociedade dos adultos”.¹³ Nesse caso, de maneira significativa, Ille, o herói protagonista, foi armado cavaleiro pelo próprio rei da França (vv. 159-168).

Inicialmente, os elementos éticos e religiosos quase não existiam na cerimônia. Em muitas situações, o cavaleiro recém-armado recebia um golpe (o termo francês *adoubement* deriva do antigo germânico “bater”)¹⁴ com a mão ou com a lateral da espada na face, ombro ou nuca. Tratava-se de uma “prova simbólica”, uma constatação de que o jovem estava maduro o suficiente para figurar entre os adultos. Após esse ato, ocorria a entrega das armas, momento no qual o castelão (*sire*) presenteava o jovem cavaleiro com o elmo, a cota de malha e a espada. Na maioria das vezes, o cerimonial era realizado em conjunto, ou seja, vários jovens recebiam, ao mesmo tempo, suas armas e seu posto.¹⁵ Em seguida, acontecia uma grande festividade. Na Assembleia de Mainz (1184), cujo principal objetivo era armar cavaleiros os filhos do imperador Frederico I, o *Barbarossa* (1155-1190), reuniram-se cerca de “70 mil [cavaleiros] naquela corte, além dos clérigos e homens de outra condição”.¹⁶

Com a aproximação entre a Igreja e a Cavalaria, esta absorveu, em parte, uma *ética cristã*. Os cavaleiros deveriam proteger os pobres e as viúvas e não poderiam atacar os *inermes*, isto é, os homens desarmados (religiosos, mercadores e camponeses). Nessa esteira, o *adoubement* se transformou: a partir do fim do século XII, esse rito de passagem já era tão importante quanto o batismo ou o casamento. Durante a noite que precedia à cerimônia, o aspirante a cavaleiro se preparava – ele rezava, purificava seu corpo e sua alma. Na manhã seguinte, após tomar a comunhão (o *corpus Christi* propriamente dito), as armas eram benzidas e, depois, o aspirante recebia a bofetada.

¹² BURGESS, Glyn Sheridan. “The theme of chivalry in *Ille et Galeron*”. In: *Medioevo Romanzo*, vol. 14, 1989, p. 339-362.

¹³ DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987, p. 96.

¹⁴ BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, 1979, p. 346.

¹⁵ DUBY, Georges. *El siglo de los caballeros*. Madrid: Alianza Editorial, 1995, p. 85.

¹⁶ GISLEBERTO DE MONS. *Chronicle of Hainaut*. Woodbridge: Boydell, 2005, p. 87. Há uma tradução da *Chronicon Hanoniense* para o português, feita pelo Prof. Dr. Ricardo da Costa. Ver GISLEBERT DE MONS. *Crônica de Hainaut* (c. 1171-1195) (trad. e notas de Ricardo da Costa. Revisão de Francisco José Pereira das Neves Vieira). *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/traducoes/textos/cronica-de-hainaut>.

A cristianização do *adoubement*, no entanto, deve ser relativizada. Ao contrário do que afirmou o historiador León Gautier em 1884, o ritual não pode ser considerado o “oitavo sacramento” da Igreja medieval. Maurice Keen assegura que mesmo a cerimônia realizada numa igreja “não subordinou a atividade militar à regra eclesiástica e armar cavaleiro nunca foi nem se converteu no oitavo sacramento”, opinião compartilhada por Barthélemy.¹⁷ Quase sempre, o *adoubement* acontecia quando o jovem tinha por volta dos 15 anos, mas a idade registrada nas fontes é variável; existem cerimônias realizadas em idade superior e inferior.¹⁸ Na citada Assembleia de Mainz, Henrique (“rei dos romanos”) e Frederico (duque da Suábia), os filhos do imperador, contavam com 18 e 16 anos, respectivamente. O rei francês Luís VIII (1187-1226), por sua vez, foi armado aos 21 (ou 22) anos.¹⁹

Gautier sugere que Eracle tinha por volta dos 14-15 anos quando foi “armado cavaleiro”, o que pode ser observado em alguns indícios cronológicos: 1) Ele iniciou os testes ordálicos aos 10 anos; 2) O tempo para a comprovação dos “três dons”, considerando a ansiedade do imperador, não deve ter ultrapassado muito mais do que um ano. Portanto Eracle tinha, aproximadamente, 12 anos quando escolheu Athanaïs para ser imperatriz;²⁰ 3) O casamento entre a “escolhida” e o imperador Laïs ocorreu apenas três dias depois dessa indicação (v. 2801); 4) “Antes do fim do terceiro ano” (v. 2819) de casamento, Athanaïs conquistou o amor de todos, e o imperador percebeu o valor de Eracle. Após isso, ele passou pelo *adoubement* (vv. 2891-2896). Em *Ille et Galeron*, o protagonista também foi armado cavaleiro com essa idade. Aos 10 anos, Ille refugiou-se no reino da França e, “quando o jovem atingiu a idade adequada para se tornar cavaleiro, o rei o ordenou alegremente” (vv. 166-168). Ele tinha entre 14 e 15 anos à época.

A passagem de Eracle pelo *adoubement* aparece como parte da evolução de sua figura heroica. A cerimônia, todavia, foi resumida e permanece profana, pois os armamentos não foram consagrados.²¹ No fim do século XII, esses cerimoniais, mesmo os descritos por clérigos, eram fundamentalmente profanos. Os ritos de sacralização que

¹⁷ KEEN, Maurice. *La Caballería*. Barcelona: Ariel, 1986, p. 114; BARTHÉLEMY, Dominique. *A Cavalaria: da Germânia à França do século XII*, op. cit., p. 298.

¹⁸ FLORI, Jean. “Les origines de l’adoubement chevaleresque: étude des remises d’armes dans les chroniques et annales latines du 9ème au 13ème siècle”. In: *Traditio*, vol. 35, 1979, p. 214.

¹⁹ LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 88.

²⁰ PIERREVILLE, Corinne. *Gautier d’Arras. L’autre chrétien*, op. cit., p. 70-71.

²¹ *Ibidem*, p. 147.

se difundiam àquela época ainda não haviam penetrado em certas regiões do norte da França, como no pequeno condado de Guênes.²²

Na época feudal, os jovens aspirantes eram armados pelos senhores (*sire*) ou pelos próprios pais, mas estes poderiam negar o *adoubement*, como foi o caso de Balduino V, que se recusou a armar Henrique (1174-1216). Persistente, o jovem solicitou a Reinaldo de Dammartin (c. 1165-1227), conde de Bolonha, que o fizesse cavaleiro, o que, de fato, aconteceu.²³ No caso de Eracle, a estima de Laïs por ele crescia após a superação de cada prova ordálica e, sobretudo, depois da escolha da mulher mais virtuosa. Já no combate contra o gigante cavaleiro (ordálio da espada), o imperador demonstrou preocupação com a vida do jovem. Tal conjuntura contribuiu para que o próprio Laïs armasse Eracle, porque, logo após o verso “o amor do seu *sire* ele era excepcional” (v. 2893), segue “portanto, ele foi armado cavaleiro de forma magnífica” (v. 2894), o que parece confirmar o fato.

Como dissemos, inicialmente não existia uma correspondência entre Nobreza e Cavalaria, já que muitos não nobres eram armados cavaleiros. Desde o fim do século XII, o *adoubement* era reservado aos homens que tinham pai cavaleiro e mãe nobre.²⁴ Eracle, realmente, tinha “nobres origens” (vv. 118-121), algo conhecido por todos desde que ele tinha escolhido a esposa ideal. A população de Roma já sabia “que ele descendia de uma família ilustre” (v. 2875). Nesse sentido, podemos inferir que Miriados, pai do herói, também havia sido um cavaleiro, apesar de Gautier preferir chamá-lo de “senador” (v. 115).

IV. Os paralelos histórico-literários do *adoubement*

Há mais de três décadas, Flori argumentou que as primeiras *chansons de geste* (como a *Chanson de Roland*) descreveram o *adoubement* apenas como um gesto técnico. A aceção honorífica e ritualística apareceria somente no fim do século XII, com a crescente importância da cerimônia.²⁵ Barthélemy, um dos críticos dessa interpretação, analisou a *Chanson de Roland* (c. 1100) e viu nela um autêntico *adoubement*, atestado pela expressão: “*Dunc la me ceinst li gentilz reis, li magnes*” (Então me cingiu com ela o gentil rei, o magno) (v. 2321). Trata-se de um ritual legítimo, entendido como “uma entrega

²² DUBY, Georges. *El siglo de los caballeros*, *op. cit.*, p. 83.

²³ GISLEBERTO DE MONS. *Chronicle of Hainaut*, *op. cit.*, p. 160.

²⁴ FLORI, Jean. “Cavalaria”, *op. cit.*, p. 190.

²⁵ *Idem*, “Sémantique et société médiévale. Le verbe adouber et son évolution au XIIe siècle”. In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, vol. 31, n° 5, 1976, p. 915-940.

solene da espada, em uma corte, por um rei ou príncipe, aos jovens nobres que ele formou ou quer honrar”.²⁶

O termo *adouber* surge na *Chanson de Roland*, mas ele ainda não indica a cerimônia de “armar cavaleiros”, apenas o “ato de vestir as armas”. O cerimonial, entretanto, já existia, como atestam outras crônicas a partir de 1060: “ele executa a maioridade do herdeiro nobre, inaugura sua senhoria ou sua errância guerreira e cria-lhe uma dívida de fidelidade com respeito ao senhor *adouber*”.²⁷ A partir da segunda metade do século XII, o termo passou a indicar a cerimônia, que, um século depois, tornou-se mais rara.

Ora, Gautier escreve nessa época, quando o verbo *adouber* não se referia mais à simples entrega de armas, mas à cerimônia. Na *Chanson de Roland*, o próprio Carlos Magno armou o herói protagonista. No ritual descrito por Gautier, os elementos éticos e religiosos ainda inexistiam. Chrétien de Troyes, salvo algumas exceções, também revela uma forma arcaica do *adoubement*, sem conotações éticas ou religiosas. O romance *Cligés*, obra apontada pelos especialistas como análoga ao *Eracle*, apresenta indicativos reveladores sobre o ritual.

Na primeira cerimônia descrita, Chrétien conta que Alexandre, filho do imperador de Constantinopla, sonhava em oferecer seu “serviço ao rei que governa a Bretanha” – Artur. Em troca disso, o jovem queria ser “armado cavaleiro”. O soberano bizantino contestou a vontade do filho e propôs que, na manhã seguinte, ele mesmo o faria cavaleiro: “Toda a Grécia estará em vossa mão e receberéis de nossos barões os juramentos e homenagens, como deve ser”.²⁸ Alexandre, contudo, recusa a promessa de seu pai e decide embarcar rumo à Bretanha. O rei Artur, protetor da Cavalaria desde que ela se transferiu da Grécia para Roma e, depois, para a França, parecia ser mais qualificado. Após aprender a *arte da guerra* com os guerreiros mais famosos do mundo, Alexandre foi considerado digno de participar do ritual.²⁹ Finalmente, o aspirante é sagrado cavaleiro.³⁰

²⁶ BARTHÉLEMY, Dominique. “Adubamento e cavalaria nas Canções de Rolando e de Aspremont”. In: MONGELLI, Lênia Márcia (org.). *E Fizerom taes Maravilhas... Histórias de Cavaleiros e Cavalarias*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2012, p. 157.

²⁷ *Ibidem*, p. 158.

²⁸ CHRÉTIEN DE TROYES. *Cligés*. Madrid: Alianza Editorial, 1993, p. 58-59.

²⁹ FLORI, Jean. “Pour une histoire de la chevalerie: l’adoubement dans les romans de Chrétien de Troyes”. *Romania*, vol. 100, 1979, p. 30.

³⁰ CHRÉTIEN DE TROYES. *Cligés*, *op. cit.*, p. 84.

Chrétien também descreve o banho dos cavaleiros recém-vestidos, o que não pode ser considerado como um aspecto religioso do *adoubement*, apenas uma fase anterior à cerimônia. Nos rituais descritos por Chrétien em seus romances, os elementos religiosos inexistem, e os éticos são rudimentares: apenas em *Perceval* é que o autor os evoca.³¹ Em Chrétien, o termo *adoubez* (ou *adouber*) designa tanto o ato de “vestir as armas” (equipar) quanto a entrada na Cavalaria por uma cerimônia particular, uma espécie de promoção.³²

Algumas das características do *adoubement* de Alexandre assemelham-se às que Gautier retomou para o caso de Eracle: a entrega das armas, o ritual em conjunto e a inexistência de elementos éticos e religiosos. De fato, desde o fim do século XII, existiam várias menções literárias ao grande número de jovens feitos cavaleiros ao mesmo tempo.³³ Em *Ille et Galeron*, o próprio Gautier descreve que o herói protagonista foi armado juntamente com outros 15 aspirantes (v. 170).

O exemplo histórico de *adoubement* mais próximo que Gautier poderia recordar talvez fosse o de Balduíno V, seu provável senhor. Para contar os detalhes desse ritual, resgatamos as palavras de Gisleberto de Mons (c. 1150-1225), cronista que também vivia nas terras do conde de Hainaut. Em sua *Chronicon Hanoniense*, Gisleberto escreve:

Anno Domini 1168, vigilia pasce, sepedictus Balduinus comes [...] Balduinum filium suum in militem cum honore et gaudio ordinaverunt. Tunc autem impletum fuit quod ipse comes diu desideraverat, quia a multis annis antea preteritis inauditum fuerat, ut aliquis comitum Hanoniensium filium militem [...]

No ano do Senhor de 1168, na Vigília Pascoal, o frequentemente mencionado conde Balduíno [IV] [...] ordenou cavaleiro o seu filho Balduíno [V] com honra e alegria. Então se cumpriu plenamente o que o conde tinha desejado por um longo tempo, porque muitos anos se passaram sem nunca um conde de Hainaut conseguir ver um de seus filhos feito cavaleiro [...]³⁴

Esse *adoubement* havia ocorrido na cidade de Valenciennes, durante a celebração mais importante do calendário litúrgico cristão, a Vigília Pascoal. Nessa celebração, os adultos eram batizados – ritual de passagem assim como o *adoubement*, o que não era uma simples coincidência. Em comparação à maioria dos outros cerimoniais, o

³¹ FLORI, Jean. *A Cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*, op. cit., p. 42.

³² *Idem*, “Pour une histoire de la chevalerie: l’adoubement dans les romans de Chrétien de Troyes”, op. cit., p. 26; 43.

³³ KEEN, Maurice. *La Caballería*, op. cit., p. 98.

³⁴ GISLEBERTO DE MONS. *Chronicle of Hainaut*, op. cit., p. 55-56.

adoubement de Balduino V ocorreu um pouco tardiamente (em 1168 ele tinha 18 anos), o que também explicaria a ansiedade de seu pai. Os rituais descritos por Gisleberto, como o de Balduino V, permanecem sem traços éticos.³⁵ Assim como Eracle, o conde passou a integrar a Cavalaria “através de um rito de iniciação, festivo, laico, pelo qual se renovam as energias sociais e as fidelidades ao grupo de sociabilidade aristocrática”.³⁶

V. As virtudes cavaleirescas

A “ética cavaleiresca” formava um conjunto de normas e valores seguido por todos os cavaleiros. A Ordem da Cavalaria “não admite vilania”.³⁷ Esse código girava em torno de dois princípios: a coragem (*prouesse*) e a sagacidade (*sagesse*), também chamada de prudência. Tais virtudes eram complementares e, se combinadas harmonicamente, resultavam no equilíbrio (*mesure*). Nas palavras de Cardini, “o valente que não é prudente é um louco e o prudente que não sabe ser valente é um covarde”.³⁸ Georges Duby, por sua vez, preferiu resumir os valores do mundo cavaleiresco em três palavras: lealdade, valentia e prudência.³⁹ Essas virtudes eram almeçadas incansavelmente pelos guerreiros. No caso de Eracle, Gautier as evoca após descrever o *adoubement*, sem poupar elogios à Cavalaria de seu herói (vv. 2897-2899):

Car le siue chevalerie
 Ne torna pas a jouglerie:
 Ja de si haute n’orrés mais.

Porque sua Cavalaria nunca foi causa de zombaria: você nunca mais irá ouvir falar de tão excelente [Cavalaria].

É quase impossível não perceber uma analogia entre essa passagem e o tratado *De Laude Novae Militiae*, de São Bernardo de Claraval (1090-1153). A posição de “órfão simbólico” de Eracle “marca a passagem de uma Cavalaria *jouglerie* [profana] para uma Cavalaria respeitada a serviço da Igreja”.⁴⁰ Num jogo de palavras (*militiae/malitiaie*),

³⁵ FLORI, Jean. *A Cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*, op. cit., p. 43.

³⁶ RUIZ-DOMÈNEC, José Enrique. “Prólogo”. In: GISLEBERTO DE MONS. *Crónica de los condes de Hainaut*. Madrid: Ediciones Siruela, 1987, p. XI-XII.

³⁷ CHRÉTIEN DE TROYES. *Le Roman de Perceval ou Le Conte du Graal*, op. cit., v. 1638.

³⁸ CARDINI, Franco. *O guerreiro e o cavaleiro*, op. cit., p. 61.

³⁹ DUBY, Georges. *El siglo de los caballeros*, op. cit., p. 66. Ou, numa variação similar, lealdade, proeza e largueza: *Idem, Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo*, op. cit., p. 211.

⁴⁰ WOLFZETTEL, Friedrich. “La recherche de l’universel. Pour une nouvelle lecture des romans de Gautier d’Arras”. *Cahiers de civilisation médiévale*, vol. 33, n° 2, 1990, p. 120.

Bernardo condenava a Cavalaria secular décadas antes de Gautier: “qual pode ser o propósito de uma milícia, que eu chamaria malícia, se nela quem mata peca mortalmente e quem é morto perece eternamente?”⁴¹ Para o abade de Claraval, a *militia saecularis* era condenável devido ao seu mundanismo e comportamento profano, ao contrário da *novae militiae* (os templários), constituída por “monges-cavaleiros” disciplinados, fiéis em Cristo, justos e corajosos.⁴²

Eracle, “o melhor cavaleiro do mundo”, para retomar a expressão conferida a Guilherme, o *Marechal*,⁴³ reunia todas as virtudes de um “cavaleiro perfeito”. Gautier sintetiza assim os valores cavaleirescos de seu personagem: “Eracle era um bom cavaleiro, bravo, leal e justo” (vv. 2915-2916). A bravura (ou coragem) era uma das virtudes mais apreciadas pelos *bellatores*. Fundamental em combate, ela garantia o respeito e a admiração de amigos e inimigos. A intrepidez de um cavaleiro que se lançava contra um oponente misterioso ou numericamente superior conferia prestígio e fama. Gautier escreve que, se Eracle “tivesse vivido mais dois anos” (v. 6508), ele teria “demonstrado sua grande força, valor e coragem” (vv. 6509-6510). O termo “força” (*vaillance*) refere-se à resistência em combate, uma característica essencial dos cavaleiros devido aos inúmeros confrontos por eles enfrentados em um curto período.⁴⁴

A lealdade (ou fidelidade), “virtude cavaleiresca por excelência”,⁴⁵ consistia no dever do cavaleiro em cumprir sua palavra, o que garantia boa reputação entre seus pares. No romance *Eracle*, a lealdade estava especialmente vinculada à relação do herói com o imperador Laïs, seu senhor. Ele já tinha feito, com certeza, seus “votos de fidelidade”, o compromisso que conduzia as relações vassálicas dentro da lógica feudal. Descumprir sua palavra (felonia) era algo gravíssimo, o pior crime de todos.

⁴¹ SÃO BERNARDO DE CLARAVAL. “Las glorias de la nueva milicia. A los caballeros templarios”. In: *Obras completas de San Bernardo. Introducción general y Tratados*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1993, vol. 1, p. 500-501. Para a Cavalaria nos séculos XII-XIII, sobretudo nas obras de São Bernardo de Claraval e Ramon Llull, ver COSTA, Ricardo da. *A cavalaria perfeita e as virtudes do bom cavaleiro no Livro da Ordem de Cavalaria* (c. 1279-1283), de Ramon Llull. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, Vitória - Revista do IHGES*, vol. 55, 2001, p. 51-86. Internet, <http://www.ricardocosta.com/artigo/cavalaria-perfeita-e-virtudes-do-bom-cavaleiro-no-livro-da-ordem-de-cavalaria-1275-de-ramon>.

⁴² PERNOUD, Régine. *Os templários*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1974, p. 18.

⁴³ DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo*, *op. cit.*, p. 38.

⁴⁴ PIERREVILLE, Corinne. *Gautier d'Arras. L'autre chrétien*, *op. cit.*, p. 174.

⁴⁵ DUBY, Georges. *El siglo de los caballeros*, *op. cit.*, p. 67.

Cósroes e seu filho eram os exemplos típicos de homens felões (vv. 5339; 5343) e desleais (v. 5256).

A honra, valor que complementava a lealdade, era um importante elemento do *ethos* cavaleiresco. No âmbito militar, ela condenava certas armas como a besta, considerando o combate a distância algo indigno, visto que a disciplina, honra e valentia dos cavaleiros de nada valiam. Além das emboscadas e dos artifícios ludibriosos, o código censurava a morte de um inimigo ferido e incapaz de se defender. Gautier também critica os cavaleiros desonrados, homens tolos que amavam cegamente as mulheres (vv. 2527-2535). Eracle, ao contrário, preocupava-se com a sua reputação e rejeitava os “mentirosos, fofoqueiros e caluniadores, que sempre odeiam os que são virtuosos” (vv. 4744-4745). Em síntese, o herói deveria praticar a justiça e evitar as injúrias, combatendo os homens traiçoeiros e salteadores.

Eracle, rei-cavaleiro, também era sábio e prudente. Equilibrado e ponderado, o herói tinha a capacidade de distinguir entre o “certo” e o “errado”. Ele ouvia os seus conselheiros e, sabiamente, meditava sobre suas decisões, sem agir de modo impulsivo. Ao contrário da noção atual de Prudência, um sinônimo de precaução, a *Prudentia* antiga e medieval baseava-se tanto na qualidade intelectual quanto na moral.⁴⁶ Na realidade, sem *Clergie* (erudição) a *Chevalerie* (Cavalaria) de nada valia, “pois ambas eram os pilares gêmeos da sociedade”.⁴⁷ A prudência de Eracle pode ser observada nesta passagem (vv. 5439-5448):

Si traist ses barons d'une part:
 'Signor, fait il, par vostre esgart
 Voel je tout faire en cest voie,
 Que je de rien blamés ne soie,
 Ne plus loés, ne plus proisiés
 De nul de vos; si eslisiés
 Le mix, le plus biel tout ensanle;
 Die cascuns ce qu'il li sanle
 Et dient: Bons est cis conseus,
 Et cis est miudres; cis n'est preux?

[Eracle] convocou seus barões à parte e disse: “Senhores, neste assunto eu gostaria de agir segundo os seus conselhos para que eu não possa ser criticado por nada, nem mais elogiado ou estimado do que qualquer um de vocês. Juntos, escolheremos o melhor, o

⁴⁶ BRUCKER, Charles. “Prudentia/prudence au XIIe et XIIIe siècles”. *Romanische Forschungen*, t. 83, 1971, p. 464.

⁴⁷ KEEN, Maurice. *La Caballería*, *op. cit.*, p. 18.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

curso mais apropriado para a ação, deixando todos falarem: este conselho é bom, este é melhor; isto não é uma boa ideia?'

Assim como Eracle havia aconselhado o imperador Laís, os nobres deveriam ajudá-lo na condução das atividades militares. No fragmento em questão, cada barão deveria apresentar seu *consilium* para que o herói pudesse agir prudentemente na decisiva campanha que se desenrolava. Gautier já havia mencionado a forma com que Eracle governava e a diferença de tratamento que ele concedia aos amigos e inimigos (vv. 5101-5105):

Trestous les orgillous plaissoit,
Et durement les abaissoit;
As pseudomes faisoit grans biens,
Ses honeroit sor toute riens,
Qu'il ert molt sages et senés;

Ele humilhou todos os orgulhosos e duramente os arruinou, mas recompensou os pseudomes com grandes bens e os honrou acima de todos os outros porque era muito sábio e prudente.

A sabedoria e a prudência de Eracle resultaram em um governo de justiça, porque ele, simultaneamente, castigava os soberbos e premiava os que contribuíam para a prosperidade do Império. Durante o *combate singular*, a prudência de Eracle também foi evocada, dessa vez em contornos cavaleirescos: após receber um poderoso golpe em seu capacete dourado, Eracle conseguiu se segurar no cavalo, já que “seu coração era mais sábio e prudente” (v. 5725).

VI. A *largueza*

A *largueza* era uma qualidade que suplementava a prudência. Ela consistia em ser generoso e leal com os feridos. O cavaleiro que a praticava fazia com que as pessoas a quem amava se regozijassem; ele renunciava aos bens materiais, tinha um desprendimento por eles.⁴⁸ A generosidade parece ser herdeira de dois ancestrais contraditórios, dos quais se conservam duas características: a caridade (*caritas*), de origem cristã e eclesiástica por um lado, e a ostentação aristocrática (próxima à soberba) por outro.⁴⁹ A *largueza*, virtude aristocrática oposta à avareza e ao lucro, era uma expressão de *caritas*.

⁴⁸ DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo*, *op. cit.*, p. 120-121.

⁴⁹ FLORI, Jean. *Ricardo Corazón de León*. Barcelona: Edhasa, 2008, p. 437.

Na *Chronicon Hanoniense*, Gisleberto de Mons descreve um significativo gesto de *largueza* dos filhos do imperador Frederico I. Após serem armados cavaleiros na Assembleia de Mainz, Henrique e Frederico honradamente recolheram muitas coisas, como “cavalos, vestimentas preciosas, ouro e prata”, que foram doadas “generosamente” pelos príncipes e outros nobres.⁵⁰ Gesto importante, a *largueza* foi seguida pelos outros príncipes e nobres presentes, que pretendiam não apenas honrar os filhos do imperador, mas também “promover a reputação dos seus próprios nomes”.

Em seu romance *Cligés*, Chrétien considera a generosidade a “rainha e senhora que ilumina todas as virtudes”.⁵¹ A *largueza*, “obrigação fundamental de todo monarca”, recebeu no romance *Eracle* uma dimensão mais evangélica que cortês.⁵² Talvez uma das poucas passagens que apresente o caráter cortês seja a maneira pela qual o protagonista tratou seus amigos, recompensados com “grandes bens e honra” (vv. 5103-5104). Nas outras vezes em que aparece, a *largueza* de Eracle estava vinculada à caridade. No fim da guerra contra Cósroes, por exemplo, o herói “distribuiu o ouro do tesouro aos pobres e a prata aos seus cavaleiros” (vv. 6045-6048).

Gautier pode ter visto em Eracle um legítimo “rei-cruzado”, identificação relacionada ao comportamento do herói ao longo do romance. Durante a Terceira Cruzada (1189-1192), os monarcas Ricardo I, *Coração de Leão*, e Felipe Augusto fizeram uso da *largueza*. O rei da Inglaterra, porém, superava todos em generosidade, distribuindo (sempre que necessário) o seu tesouro real, o que fez dele um soberano muito popular entre os cruzados. Tão favorável à Cavalaria, a *largueza* atingiu seu auge no fim do século XII, antes de minguar no início da centúria seguinte.⁵³ O estudioso alemão Eric Köhler considerou a generosidade a virtude suprema, que transmitia seu resplender às outras virtudes. Essencial, ela multiplica de “forma maravilhosa as vantagens do novo ideal cavaleiresco, no qual está concentrada sua ética, *prodomie*”.⁵⁴ Com a *prodomie*, ocorre a moralização da *largueza*.

⁵⁰ GISLEBERTO DE MONS. *Chronicle of Hainaut*, *op. cit.*, p. 88.

⁵¹ “A generosidade transforma sozinho um homem em nobre, o que não podem fazer nem alta condição, nem sabedoria, cortesia, gentileza, posses, força, cavalaria, façanhas, senhorio, beleza, nem nenhuma outra coisa”: CHRÉTIEN DE TROYES. *Cligés*, *op. cit.*, p. 61.

⁵² PIERREVILLE, Corinne. *Gautier d'Arras*. *L'autre chrétien*, *op. cit.*, p. 182.

⁵³ FLORI, Jean. *Ricardo Corazón de León*, *op. cit.*, p. 440-445; 448.

⁵⁴ KÖHLER, Eric. *La aventura caballeresca: ideal y realidad en la narrativa cortés*. Barcelona: Simos, 1990, p. 28.

VII. A *prodome*

Os conceitos de *prodome* e *prodome* na Literatura do século XII também foram estudados por Köhler, que se debruçou especialmente sobre os romances de Chrétien de Troyes. Segundo o autor, enquanto as *chansons de geste* caracterizam a essência do *prodome* com atributos como coragem, sacrifício espontâneo, força, fidelidade vassálica e honra, a Literatura cortês ainda o qualifica com a *courtoisie*, a educação, a generosidade, a perfeição comportamental e uma moralidade exemplar.⁵⁵

O termo *prodome* designava o homem sábio, leal – ou, etimologicamente, “*pro d’homē*”, “homem corajoso”.⁵⁶ O *prodome* era sinônimo de nobre, um componente dos extratos superiores da nobreza feudal. Sempre cavaleiro, embora nem todo cavaleiro fosse um *prodome*, ele integrava uma elite da Cavalaria, que, em si, já constituía uma elite (“*miles*” significa “um entre mil”). A *prodome* era a cristalização absoluta do *modus vivendi* cavaleiresco e pressuposto que conduzia à nata da Cavalaria cristã. Ela articula Cavalaria e instrução, ou ainda força e sabedoria. O *prodome* designava o que “tem autoridade moral” e elevado mérito. Esse “homem de valor” seguia os valores morais religiosos e se diferenciava do *preux* (bravo) porque associa a valentia à sabedoria e à piedade.⁵⁷

No romance de Gautier, o primeiro personagem qualificado como *prodome* é Miriados, pai de Eracle, mencionado como um “marido muito *preudome*” (v. 122) de Cassine. Como a *prodome* não era transmitida hereditariamente, a morte de Miriados fez com que Eracle tentasse alcançá-la por seu próprio mérito. Nos textos de Chrétien, por sua vez, a *prodome* aparece como uma oblação especial conferida por Deus aos melhores representantes da Cavalaria.⁵⁸ Em Gautier, essa peculiaridade estava em sintonia com a narrativa, porque Eracle já havia sido contemplado pelo Altíssimo com três outros dons: o conhecimento das pedras, mulheres e cavalos.

A primeira assimilação de Eracle a um *prodome* ocorreu no episódio em que ele foi submetido às provações ordálicas. À medida que nosso herói elevava seu *status* em direção à *prodome*, os invejosos buscavam difamá-lo, dizendo que ele e sua pedra

⁵⁵ *Idem*, “Excursus: El concepto de ‘Prodome’ en la Novela Artúrica, especialmente en Chrétien”. In: *La aventura caballeresca: ideal y realidad en la narrativa cortés*, *op. cit.*, p. 114.

⁵⁶ GRANDSAIGNES D’HAUTERIVE, Robert. *Dictionnaire d’ancien français: Moyen Âge et Renaissance*. Paris: Larousse, 1947, p. 481.

⁵⁷ LE GOFF, Jacques. *São Luís*, *op. cit.*, p. 551.

⁵⁸ KÖHLER, Eric. “Excursus: El concepto de ‘Prodome’ en la Novela Artúrica, especialmente en Chrétien”, *op. cit.*, p. 121.

preciosa não tinham poderes especiais (vv. 1067-1070). Aqui, a *prodomie* é algo que todos desejam alcançar, aquilo de que Eracle gradualmente se aproximava. Outro personagem chamado de “preudome” foi o vendedor do potro que Eracle comprou. Ele havia vendido o “mais veloz de todos” os animais por um alto preço, a contragosto do imperador Laïs. Com a vitória do potro na corrida, o vendedor mostrou que estava certo, que não era um mentiroso (vv. 1417-1478), mas um “preudome” confiável.

Em vista de todas as qualidades com que foi descrito por Gautier, Eracle naturalmente recebeu o título de *prodome*.⁵⁹ Numa passagem significativa, por duas vezes Gautier assinala que o herói detinha esse atributo. Após Cósroes assassinar de forma traiçoeira o imperador Focas, os anciãos de Constantinopla elegeram o “preudome Eracle” como soberano (v. 5266), e, embora o escolhido estivesse em Roma, todos sabiam que ele era um “preudome” (v. 5268). O próprio Eracle recompensou com enormes bens os “preudomes” nobres de seu Império. Ele reconheceu os seus iguais na *prodomie* e os premiou (v. 5103), porque era sábio (*sages*) e prudente (*senés*).

A última vez que Gautier denominou Eracle de *prodome* ocorreu quando ele se referiu à coluna erguida pelo povo de Constantinopla. No topo dela, foi colocada uma estátua que capturou as características do “preudome que tinha governado o Império” (v. 6493). O último a ser considerado *prodome* por Gautier foi o conde de Hainaut (v. 6532), atribuição que não ocorreu por acaso, porque se tratava do amado *sire* do autor, um dos patronos a quem ele dedicou sua obra. Assim, apenas os nobres de alto nível foram chamados de *prodomes*. Balduíno V, provavelmente o nobre em questão, era caracterizado por Gisleberto de Mons no mesmo período como um “homem muito sábio e poderoso príncipe”.⁶⁰

Eracle também detinha outros predicados, como a beleza física (v. 6430), “uma das virtudes cortesias por excelência”.⁶¹ O ideal de beleza retomado por Gautier era de cunho platônico, segundo o qual existia uma associação entre o Bem e o Belo. Em outras palavras, uma bela aparência refletia qualidades interiores. Tal concepção, cultivada pela maior parte dos autores do fim do século XII, desaparece da literatura

⁵⁹ PIERREVILLE, Corinne. *Gautier d'Arras. L'autre chrétien, op. cit.*, p. 178.

⁶⁰ GISLEBERTO DE MONS. *Chronicle of Hainaut, op. cit.*, p. 03.

⁶¹ PIERREVILLE, Corinne. *Gautier d'Arras. L'autre chrétien, op. cit.*, p. 207.

cortês a partir de 1220, quando entra em cena o tema da beleza diabólica.⁶² A beleza era uma característica dos heróis de Chrétien de Troyes, como Cligés.⁶³ Naquela época, a relação entre beleza e bravura alcançava o seu auge; a beleza absoluta significa “proximidade a Deus por semelhança com os anjos, a harmonia entre o interior e o exterior”.⁶⁴

VIII. A arte da guerra cavaleiresca

As armas que Eracle empunhava aparecem apenas na parte final do romance, especialmente no episódio do *combate singular* contra o filho de Cósroes. Durante o embate contra o gigante cavaleiro, o herói carregava a pedra preciosa, espécie de amuleto que o protegeu das investidas do oponente (vv. 1223-1232). Já no *combate singular*, o próprio cavalo de Eracle, referido como “excelente e veloz” (v. 5609), com “patas enormes” (v. 5610), um animal que “não poderia haver um melhor” (v. 5611) em todo o mundo, aparece nos termos tradicionais da poesia épica.⁶⁵

A *arte da guerra* que Gautier evocou para descrever o episódio abaixo deriva do imaginário cavaleiresco do século XII (vv. 5704-5708):

Atant s’eslongent por jouter;
 Hurtent cevax des esperons
 Et s’entrefierent es blasons
 Issi que nul mal ne se font,
 Et les lances en pieces vont.

Eles então cavalgaram em direções opostas para preparar o ataque. Eles estimularam seus cavalos e bateram um no outro com o escudo, não fazendo qualquer mal, mas despedaçando suas lanças.

Eracle seguiu o tradicional costume cavaleiresco de lutar inicialmente com a lança (v. 5613)⁶⁶ e, com a quebra desta, com a espada. Nas palavras de Barthélemy, “mais do

⁶² PASTOUREAU, Michel. *No tempo dos cavaleiros da Távola Redonda*. Séculos XII e XIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 146.

⁶³ “Para descrever a beleza de Cligés, quero usar poucas palavras. Ele estava na flor da idade, pois já tinha mais de 15 anos; mas era tão belo e encantador como Narciso”: CHRÉTIEN DE TROYES. *Cligés*, *op. cit.*, p. 115.

⁶⁴ KÖHLER, Eric. *La aventura caballeresca: ideal y realidad en la narrativa cortés*, *op. cit.*, p. 109.

⁶⁵ PRATT, Karen. *Meister Otte’s Eraclius as an adaptation of Eracle by Gautier d’Arras*. Göppingen: Kümmerle Verlag, 1987, p. 221.

⁶⁶ A partir do século IX, ocorreu uma evolução no *design* das lanças, cada vez maiores (mais ou menos de 2,5m) e grossas, pesando mais de 10 quilos. Essa modificação resultou no surgimento de

que a espada, é a lança que constitui a arma do Cavaleiro”.⁶⁷ O tradicional ataque com a lança, descrito incessantemente pelas epopeias e romances,⁶⁸ teve vida curta, como vimos.

Com suas lanças despedaçadas, os dois guerreiros “desembainharam suas espadas, prontos para trocar golpes terríveis” (vv. 5711-5712). No começo do embate, Eracle viu-se em desvantagem ao ser atingido por um “golpe em seu capacete” (v. 5718), que quase o derrubou do cavalo. Os contra-ataques do herói foram mortais, como observamos no momento capital do confronto:

Vient vers celui, hauce l'espee
 Et fiert a guise de vassal;
 Trence le col de son ceval
 Tres par devant s'afeutreüre.
 Li paiens pas ne s'asseüre;
 Li cevaux ciet et cil trebuce

Ele [Eracle] ergue sua espada e ataca, estimulado por uma energia colossal. Ele corta o pescoço do cavalo em frente à sela. O pagão perde seu equilíbrio; ele balança e o cavalo cai sobre ele (vv. 5772-5777)

Adiante (vv. 5810-5814):
 Hauce son cop, fiert sor l'oïe,
 Et se coife de fer li fausse.
 Ainc n'usa mais si aigre sausse,
 Car cil li baigne l'alemelle
 Parmi le tiés en le cervelle.

Ele [Eracle] ergue sua arma e golpeia acima da orelha [do filho de Cósroes], através de sua falsa cota de ferro [malha]. Nunca antes ele tinha experimentado um molho tão amargo, pois [Eracle] mergulhou a lâmina em seu crânio, direto em seu cérebro.

uma nova técnica por meio da qual o cavaleiro segurava a lança de uma maneira diferente (a haste sob a axila), o que o permitia golpear em estocada seu adversário com força, perfurando-o e/ou derrubando-o. Tal inovação “técnica parece ter sido adotada primeiramente pelos normandos. Ela talvez esteja ligada à moda recente dos torneios, que se popularizam depois de 1050”: FLORI, Jean. *A Cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*, *op. cit.*, p. 76.

⁶⁷ BARTHÉLEMY, Dominique. *A Cavalaria: da Germânia à França do século XII*, *op. cit.*, p. 250.

⁶⁸ FLORI, Jean. *A Cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*, *op. cit.*, p. 77. Em *Ille et Galeron*, o combate com a lança aparece 20 vezes. No romance *Cligés*, Chrétien descreve que o herói protagonista e o duque da Saxônia “empunham então suas lanças e se atacam sem compaixão. Cada um deles quebra sua lança e cai do cavalo ao solo, pois não podiam se manter nas selas”: CHRÉTIEN DE TROYES. *Cligés*, *op. cit.*, p. 140-141.

Os dois poderosos e letais golpes desferidos por Eracle – o primeiro decepa o pescoço do cavalo, o segundo atravessa a cota de malha e o crânio do filho de Cósroes – provavelmente estavam relacionados à procedência e força da legendária espada do soberano, cujo dono havia sido o imperador Constantino (v. 5608). Nada mal para um cavaleiro que era menos “experiente” (v. 5715) que o filho de Cósroes. A eficácia espetacular dos golpes de Eracle fomentaria inveja nos cavaleiros, e os detalhes (órgãos internos dilacerados) impressionariam o público ouvinte.

Imagem 1



Combate entre Heráclio e o filho de Cósroes. A inscrição em francês antigo abaixo da imagem exhibe parte do texto: “*comment heracle l'emperiere de romme se combati au filz cosdroe le tyrant pour l'essaucement de la sainte crois et l'emperiere vainqui le filz et tua le tyrant*”. O filho de Cósroes é retratado como um negro, cor tradicionalmente relacionada aos sarracenos e símbolo do mal. Ele empunha uma espada típica dos povos do Oriente Próximo, como os árabes e os persas. Heráclio, por sua vez, dispõe de uma armadura completa e uma coroa. Nas vestes de seu cavalo, estão estampadas cruzeiras. A Santa Cruz aparece à esquerda da cena. Cópia de Richard de Montbaston da *Legenda Aurea* (tradução de Jean de Vignay), 1348. Paris, Bibliothèque nationale de France, ms. Français 241, fol. 244v.

Com efeito, toda *chanson de geste* (gênero que influenciou o romance de Gautier) era uma hipérbole, de onde se observam exageros não apenas nas cenas de violência, mas também no número dos combatentes, etc. Ao lado de uma pitada de humor, algumas façanhas guerreiras surgiam em contornos monstruosos (decapitação de um cavalo,

por exemplo). Em outras palavras, o modo pelo qual o ataque era evocado suscitaria, ao mesmo tempo, espanto e admiração da plateia, provocando regozijo naqueles que se reconheciam na pele do herói protagonista.

Gautier d'Arras nunca pretendeu apresentar no romance *Eracle* uma sociedade ideal, sem defeitos e vícios. Por isso, entre outras coisas, ele critica uma preferência das damas e o comportamento da “cavalaria secular” (vv. 2527-2535):

Mal fait dame qui plus a cier
 Un gangleor c'un bel parlier;
 Dame qui aime gangleor
 Fait de chevalier gogleor,
 Car cascuns hom pener se soelt
 Qu'il soit tels con sa dame voelt.
 Eracles n'a de cest cure
 Por cest usage, qui li dure
 Et li duëra son aé.

Mal faz uma dama preferir um cavaleiro charlatão a um honrado. Uma dama que ama charlatões torna os cavaleiros enganadores, pois é normal que cada um se esforce para estar em conformidade com os desejos de sua senhora. Eracle não estava interessado em uma mulher devido a este hábito, que ela mantém e manterá sempre.

A normalidade comportamental referida por Gautier provinha do *amor cortês*, fenômeno que deixava os homens “hipnotizados” pelas damas. Alguns dos desdobramentos dessa submissão – a escolha delas por cavaleiros “charlatões” e sua conseqüente influência “negativa” sobre os honrados – refletem uma postura que não era rara em meados do século XII.⁶⁹

Os homens acreditavam que as mulheres tinham uma parcela significativa de responsabilidade na conduta dos cavaleiros; elas deveriam guiá-los ao verdadeiro *ethos* cavaleiresco, sempre em busca de aperfeiçoamento e de ascensão. Os mencionados “cavaleiros charlatões”, representantes da *militia saecularis*, eram criticados por São Bernardo, como dissemos. A “milícia de Deus” distinguia-se completamente da “milícia do mundo”:

⁶⁹ PASTOUREAU, Michel. *No tempo dos cavaleiros da Távola Redonda. Séculos XII e XIII*, op. cit., p. 144-145.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

Scacos et aleas detestantur; abhorrent venationem, nec ludicra illa avium rapina, ut assolet, delectantur. Mimos et magos et fabulores, scurrilesque cantilenas, atque ludorum spectacula, tamquam vanitates et insanias falsas respuunt et abominantur.

[Os templários] detestam o xadrez e o jogo de dados. Odeiam a caça e tampouco se deleitam com a captura de aves de rapina [a falcoaria], como é costume hoje. Rejeitam e abominam os tolos, os ludibriadores, as canções luxuriosas e os espetáculos lúdicos por considerá-los vãos e falsas loucuras.⁷⁰

Gautier representou Eracle como um instrumento de Deus na Terra, o escolhido por Ele para recuperar a relíquia da Santa Cruz e a cidade de Jerusalém. Esse líder da Cavalaria cristã lutava em nome do Altíssimo e da representante d'Ele na terra, a Igreja. Nas palavras do clérigo arrasiano, Eracle “trouxe paz para a Santa Igreja e concedeu grande honra a ela devido à captura da Cruz de Nosso Senhor” (vv. 2900-2902).

Embora em seu *adoubement* inexistissem elementos religiosos, ele era um cavaleiro a serviço do clero. No século XII, a “Cavalaria era o braço direito da Igreja”, como proferiu Keen,⁷¹ sentido notado nos versos que Gautier escreveu no fim do romance: “graças à sua grande Cavalaria [de Eracle], a Santa Igreja agora floresce” (vv. 6513-6514). O herói era uma espécie de “cavaleiro perfeito” – nas palavras do autor, “o mais sábio cavaleiro que já tinha montado um cavalo” (vv. 5630-5631).

Fontes

- CHRÉTIEN DE TROYES. *Cligés*. Edición y traducción de Joaquín Rubio Tovar. Madrid: Alianza Editorial, 1993.
- CHRÉTIEN DE TROYES. *Le Roman de Perceval ou Le Conte du Graal*. Edição de William Roach. Genève/Paris: Droz/Minard, 1959.
- GAUTIER D'ARRAS. *Eracle*. Edited and translated by Karen Pratt. London: King's College London, Centre for Late Antique and Medieval Studies, 2007.
- GAUTIER D'ARRAS. *Ille et Galeron*. Edited and translated by Penny Eley. London: King's College London, Centre for Late Antique and Medieval Studies, 1996.
- GISLEBERTO DE MONS. *Chronicle of Hainaut*. Tradução de Laura Napran. Woodbridge: Boydell, 2005.

⁷⁰ SÃO BERNARDO DE CLARAVAL. *Las glorias de la nueva milicia*. A los caballeros templarios, *op. cit.*, p. 508-509.

⁷¹ KEEN, Maurice. *La Caballería*, *op. cit.*, p. 17.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

- GISLEBERT DE MONS. *Crônica de Hainaut* (c. 1171-1195) (trad. e notas de Ricardo da Costa. Revisão de Francisco José Pereira das Neves Vieira). *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/traducoes/textos/cronica-de-hainaut>.
- GISLEBERTO DE MONS. *La Chronique de Gislebert de Mons*. Edição de Léon Vanderkindere. Bruxelas: Kiessling, 1904.
- La Chanson de Roland*. Edição de Joseph Bédier. Paris: L'Éditions d'Art H. Piazza, 1955.
- SÃO BERNARDO DE CLARAVAL. *Las glorias de la nueva milícia*. A los caballeros templarios. Traducción de Iñaki Aranguren. In: *Obras completas de San Bernardo*. Introducción general y Tratados. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1993, vol. 1, p. 496-543.

Bibliografia

- BARTHÉLEMY, Dominique. *A Cavalaria: da Germânia à França do século XII*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.
- BARTHÉLEMY, Dominique. Adubamento e cavalaria nas Canções de Rolando e de Aspremont. In: MONGELLI, Lênia Márcia (org.). *E Fizêrom taes Maravilhas...* Histórias de Cavaleiros e Cavalarias. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2012, p. 153-166.
- BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BRUCKER, Charles. Prudentia/prudence au XIIe et XIIIe siècles. *Romanische Forschungen*, t. 83, 1971, p. 464-479.
- BURGESS, Glyn Sheridan. The theme of chivalry in *Ille et Galeron*. *Medioevo Romanzo*, vol. 14, 1989, p. 339-362.
- CARDINI, Franco. O guerreiro e o cavaleiro. In: LE GOFF, Jacques (dir.). *O homem medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 57-78.
- COSTA, Ricardo da. A cavalaria perfeita e as virtudes do bom cavaleiro no *Livro da Ordem de Cavalaria* (c. 1279-1283), de Ramon Llull. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, Vitória - Revista do IHGES*, vol. 55, 2001, p. 51-86. *Internet*, <<http://www.ricardocosta.com/artigo/cavalaria-perfeita-e-virtudes-do-bom-cavaleiro-no-livro-da-ordem-de-cavalaria-1275-de-ramon>>.
- DUBY, Georges. *A sociedade cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- DUBY, Georges. *El siglo de los caballeros*. Madrid: Alianza Editorial, 1995.
- DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.
- FLORI, Jean. *A Cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005.
- FLORI, Jean. Cavalaria. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (coords.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: EDUSC, 2006, vol. 1, p. 185-199.
- FLORI, Jean. Les origines de l'adoubement chevaleresque: étude des remises d'armes dans les chroniques et annales latines du 9^{ème} au 13^{ème} siècle. *Traditio*, vol. 35, 1979, p. 209-272.
- FLORI, Jean. Pour une histoire de la chevalerie: l'adoubement dans les romans de Chrétien de Troyes. *Romania*, vol. 100, 1979, p. 21-53.
- FLORI, Jean. *Ricardo Corazón de León*. Barcelona: Edhasa, 2008.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21 (2015/2)*
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

- FLORI, Jean. Sémantique et société médiévale. Le verbe adouber et son évolution au XIIe siècle. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, vol. 31, n° 5, 1976, p. 915-940.
- FOURRIER, Anthime. *Courant réaliste dans le roman courtois en France au Moyen-Âge*. Paris: Nizet, 1960.
- GRANDSAIGNES D'HAUTERIVE, Robert. *Dictionnaire d'ancien français: Moyen Âge et Renaissance*. Paris: Larousse, 1947.
- KAEGI, Walter Emil. *Heraclius, emperor of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- KEEN, Maurice. *La Caballería*. Barcelona: Ariel, 1986.
- KÖHLER, Eric. *La aventura caballeresca: ideal y realidad en la narrativa cortés*. Barcelona: Simos, 1990.
- LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- PASTOUREAU, Michel. *No tempo dos cavaleiros da Távola Redonda*. Séculos XII e XIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- PERNOUD, Régine. *Os templários*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1974.
- PIERREVILLE, Corinne. *Gautier d'Arras. L'autre chrétien*. Paris: Honoré Champion Éditeur, 2001.
- PRATT, Karen. *Meister Otte's Eraclius as an adaptation of Eracle by Gautier d'Arras*. Göppingen: Kümmerle Verlag, 1987.
- RUIZ-DOMÈNEC, José Enrique. Prólogo. In: GISLEBERTO DE MONS. *Crónica de los condes de Hainaut*. Tradução de Blanca Garí de Aguilera. Madrid: Ediciones Siruela, 1987, p. IX-XIV.
- WOLFZETTEL, Friedrich. La recherche de l'universel. Pour une nouvelle lecture des romans de Gautier d'Arras. *Cahiers de civilisation médiévale*, vol. 33, n° 2, 1990, p. 113-131.